

# Dous Índios notaveis e parentes proximos

PEDRO POTY E PHILIPPE CÂMARA

*Documentos interessantissimos e ineditos*

## I

Os Índios amigos dos Portuguezes tornaram-se fervorosos catholicos, e esse facto se patenteia nas suas missivas aos patricios e parentes, que se encontravam ao lado dos Hollandezes, mas não excediam aos outros, sinceros protestantes, na firmeza de suas crenças.

Extrahi muitas informações sobre a propaganda religiosa dos Hollandezes, de um archivo protestante, o *Ouder Holl. Zending*, assim como, tambem encontrei alguns dados interessantes á historia de Mauricia num registro de baptismo da igreja protestante no Brasil, no *Algemeen Nederlansch Familie Blad*.

E' sabido que os Hollandezes contrataram ministros protestantes versados nas diversas linguas de grande parte dos seus soldados, mercenarios estrangeiros: em francez, para os calvinistas francezes, que possuiam uma igreja especial para elles; em inglez e allemão, para os dessas nacionalidades; e empregaram tres que conheciam o tupi no serviço religioso dos Índios.

Veremos em breve a linguagem de Pedro Poty e de Antonio Paraupaba; não ha duvida que eram dous inabalaveis sectarios da Igreja Reformada.

Muitos Índios estiveram na Hollanda em varias épocas do dominio hollandez no norte do Brasil e alguns lá foram educados.

Diversos europeus casaram-se com Indias, por exemplo: Jacob Rabbi e Doncker.

Não é exacta a affirmação de Varnhagem ao dizer que Pedro Poty fôra attrahido aos Hollandezes por Jacob Rabbi.

Tenho a certeza de que esse notavel Indio foi á Hollanda juntamente com outros patricios em 1625, na esquadra de Boudewyn Hendrikson e lá ficou até 1630, quando veio para Pernambuco, provavelmente com a expedição de Lonck, e em 1631 escrevia uma carta em hollandez (encontra-se este documento na Col. Brieven en Papiren uyt Brasilië no Ryks Archief, em Haya) ao governo do Recife recommendando-lhe os emissarios de Jandowy e fazendo considerações sobre a possibilidade de alliança com as varias tribus de Indios.

Por ser necessaria á demonstração da minha versão sobre a ida de Pedro Poty á Hollanda, vou dar uma pequena noticia sobre a viagem do Almirante Boudewyn Hendrikson ao Brasil.

A esquadra vinha em soccorro á cidade da Bahia, onde chegou á 23 de Maio de 1625, e vendo que a praça já se rendera a D. Fradique de Toledo, seguiu para o norte com a intenção de ir ás Antilhas.

Ao passar no dia 26 pelo Recife, mandou-se approximar de lá o navio «Swaen» e observar a situação, afim de ver se convinha entrar com a esquadra para obter refrescos.

Regressando, o capitão daquelle barco informou que estavam ancorados no porto mais de 20 navios portuguezes.

Ao navegar perto da Parahyba quiz dirigir-se para lá, mas foi impedida por forte temporal.

Em 20 de Junho a esquadra chega e fundeia na bahia da Traição com a intenção de se abastecer de agua e mantimentos.

Os colonos portuguezes abandonaram a povoação e refugiaram-se no matto; os Indios, porém, acolheram bem os estrangeiros e se puzeram a seu serviço.

Havia grande numero de doentes na esquadra, sen-

do preciso desembarcar parte da tripulação, afim de se refrescar.

Para se precaverem em terra contra qualquer ataque dos nossos, construíram entrincheiramentos guarnecidos com 600 homens.

Avisado da presença desses navios naquella bahia, Mathias de Albuquerque organizou uma tropa para ir expulsal-os.

Hendrikson, estando prompto a partir e não tendo autorização da Companhia das Indias Occidentaes paraprehender cousa alguma na costa do Brasil, fez-se á vela no dia 1 de Agosto para as Antilhas.

Os Indios não haviam contado com esse desenlace, mas sabiam agora a sorte que os aguardava, quando chegassem os Portuguezes—uma cruel vingança.

Queriam ir todos com a esquadra de seus novos amigos, o que era absolutamente impossivel, pela falta de mantimentos para tanta gente; comtudo Hendrikson tomou a bordo e levou para a Hollanda um numero limitado de indigenas, que lá receberam educação.

Johannes de Laet refere no seu livro *Nouveau Monde*, pag. 540, que esteve muitas vezes com elles nas Provincias Unidas; que aprenderam o hollandez e a doutrina da religião christã; e que de alguma fórma obteve delles informações sobre as respectivas terras.

Eis aqui os nomes de quatro jovens, que, regressando ao Brasil, foram mandados com Schmient no yacht «Nieuw Neederlant», ao Rio Grande, em Ubranduba (a 20 legoas da cidade do Rio Grande): Marzial, Tarkou, Ararova, Matauwe, (Johannes de Laet—*Jaerliche Verhael*)

A historia era obscura nesse ponto e não se sabia ao certo os nomes de outros.

O que não padecia duvida era que Pedro Poty devia ter sido um delles, visto haver escripto em 1631 aos do governo no Recife uma carta em bom hollandez.

Ora, tendo os Hollandezes chegado a Pernambuco em 1630, elle não poderia em tão curto espaço de tempo ter aprendido aquelle idioma.

Felizmente encontrei nos Annaes da Bibliotheca Nacional do anno de 1907 uma noticia, que veio confirmar a minha opinião.

Na introdução daquelle volume ha a declaração de que, além de outros dados colhidos de diversos almirantes e navegadores holandezes e estrangeiros, Hessel Gerritsz obteve para a sua collecção geographica uns apontamentos fornecidos a Kilian de Resenlaer por alguns naturaes do Brasil em 20 de Março de 1628, em Amsterdam.

Na pagina 171 desse livro vem indicados os nomes dos Indios que forneceram as ditas informações. São elles:

Gaspar Paraupaba, do Ceará, 50 annos. André Francisco, Ceará, 32 annos. Pedro Poty, da bahia da Traição. Antonio Guirawassanay, Antonio Francisco e Luiz Gaspar. Todos da bahia da Traição, sendo um delles da nação dos Tiguares.

Desde 1631 o nome de Pedro Poty figura frequentemente na correspondencia e actas das sessões diarias do Conselho do Recife, sendo no principio capitão de uma tribu.

Quando se reuniu em Itapecerica no anno de 1645 uma assembléa de todos os indios do Brasil holandez, para tratar dos seus interesses, elegeram-n-o para o cargo de *Regedor*, isto é, capitão-mór ou governador dos Indios da Parahyba, com as honras de general de brigada, pois as forças sob o seu commando equivaliam a um regimento, chamado terço pelos Portuguezes.

Pedro Poty, cujo sobrenome significa Camarão, era parente proximo do nosso Philippe Camarão. Educado na Hollanda tornou-se muito afeiçãoado aos daquelle nação, dedicando-lhes tanto amor, quanto odio aos Portuguezes. Foi fanatico protestante.

Representou entre os Holandezes papel identico ao do seu parente Philippe entre os nossos.

As varias cartas em tupy que este e outros Indios lhe escreveram procurando induzil-o a que se passasse

para o nosso partido, respondeu com uma só e na mesma lingua, repellindo indignado as solicitações.

Esse documento traduzido em hollandez se encontra na *Col. Brieven en Papieren* no vol. de 1645.

Eis a resposta:

«Eu me envergonho da nossa familia e nação ao me ver ser induzido por tantas cartas vossas á traição e deslealdade, isto é, a abandonar os meus legitimos chefes, de quem tenho recebido tantos beneficios.

E' tollice o imaginardes que nos illudis tão facilmente com essas palavras vãs, e até fico pensando que, não ousando nos vir visitar como soldados, procurais usar essas falsas imposturas.

Ficai sabendo que serei um soldado fiel aos meus chefes até morrer.

Estou bem aqui e nada me falta; vivemos mais livremente do que qualquer de vós, que vos mantendes sob uma nação que nunca tratou de outra cousa senão nos escravizar.

Os cuidados que dizeis ter por mim e o favor que os Portuguezes nos dispensariam não são mais que historias contadas para nos illudir.

Por minha parte só tenho um sentimento, e provem de não me virdes visitar aqui.

Não acrediteis que sejamos cegos e que não possamos reconhecer as vantagens, que gosamos com os Hollandezes (entre os quaes fui educado).

Jamais se ouviu dizer que tenham escravizado algum indio ou o mantido como tal, ou que hajam em qualquer tempo assassinado ou maltratado algum dos nossos.

Elles nos chamam e vivem cónosco como irmãos; portanto, com elles queremos viver e morrer.

Por outro lado, em todo o paiz se encontram os nossos escravizados pelos perversos Portuguezes, e muitos ainda o estariam, se eu não os houvesse libertado.

Os ultrajes que nos têm feito mais do que aos negros e a carnificina dos da nossa raça, executada porel-

les na bahia da Traição, ainda estão bem frescos na nossa memoria.

E o que pode dar melhor a conhecer os seus desígnios tyrannicos do que a crueldade commettida recentemente contra os nossos em Serinhaem depois de concedido o quartel?

Aquelle sangue clamará a Deus por vingança, já tendo, todavia, o meu irmão Antonio tirado uma boa desforra no Rio Grande

Não, Philippe, vós vos deixais illudir; é evidente que o plano dos scelerados portuguezes não é outro senão o de se apossarem deste paiz, e então assassinar ou escravizarem tanto a vós como a nós todos.

Vinde, pois, enquanto é tempo para o nosso lado afim de que possamos com o auxilio dos nossos amigos viver juntos neste paiz que é a nossa patria e no seio de toda a nossa familia.

Sobre isso aqui estamos todos de accôrdo; portanto, vinde vos unir a nós e garanto-vos que os Hollandezes vos farão os mesmos beneficios que nos fazem

Não tenhais a menor duvida: os Portuguezes terão de se escapulir; esses bandidos hão de desaparecer como o vento.

Sou christão e melhor do que vós; creio só em Christo, sem macular a religião com idolatria, como fazeis com a vossa.

Aprendi a religião christã e a pratico diariamente, e se vós a tivésseis aprendido, não serviríeis com os perfidos e perjuros portuguezes, que apesar das promessas do rei e do juramento feito por elle, depois de roubarem os bens dos Hollandezes, vêm atacar traiçoeiramente a esses e a nós mesmos; mas hão de receber o castigo de Deus.

Vinde, portanto, para o nosso lado, e afastae-vos dos perjuros e traidores, que não poderão se sustentar aqui, donde brevemente os expulsaremos á força e também da Bahia.

Deveis saber que os seus feitos no sul não têm a mi

nima importancia: quem tem mais gente fica senhor do campo.

O Pontal foi entregue por traição, mas os Hollandezes o retomarão com valor, pois deveis reconhecer que o mar domina o Brasil.

Têm vindo bastantes soccorros da Hollanda para a nossa manutenção, e esperamos a toda hora uma grande armada extraordinariamente forte, á qual juntaremos os navios aqui existentes e então poremos mão á obra.

Em summa, os Hollandezes aproveitarão a occasião para se apossarem de todo o Brasil, pois o rei de Portugal se acha sem recursos ou forças.

Os da Bahia perderam seus navios na bahia de Tamarandé, e não têm meios para adquirirem outros.

Não me falleis sobre a fraqueza dos Hollandezes. Estive e me eduquei no seu paiz. Existem lá navios, gente, dinheiro e tudo em tanta abundancia como as estrellas no céu; e disso tem vindo para cá alguma cousa.

Tem sido tambem por meio de seus navios e tropas que esse D. João se tem sustentado, ha quatro annos, no throno, e tem podido reinar, sendo para esse fim ajudado pelo Príncipe de Orange e Estados Geraes, dando-lhes elle, entretanto, tão máo pago.

Não entendi a phrase em que dizeis «que elles terão comprehendido a deslealdade que aqui se seguirá».

Elles puderam tomar ao Rei de Castella e de Portugal e conservar não só este paiz mas tambem as Indias Orientaes e muitas outras terras, e agora não ireis julgar certamente que elles devam ceder tudo a esse novo Dom João.

Abandonai, portanto, primo Camarão, esses perversos e perigosos Portuguezes e vinde juntar-vos connosco; garanto-vos que vos dareis bem. Formaremos uma força respeitavel e expulsaremos esses trapaceiros e traidores. Mantenhamo-nos com os estrangeiros que nos reconhecem e tratam bem na nossa terra.

Os bandidos Portuguezes até agora nada têm conseguido senão por traição.

Se o Capitão-mór fosse vencido no campo, na Var-

zea, parecia ter alguma importancia; mas surprehender á noite uma casa, onde se encontra uma quantidade de pessoas desarmadas, não é cousa de que valha a pena gabar-se.

Não pude encontrar nas vossas cartas menção alguma sobre a maneira como fostes tratado em Itamaracá no dia 24 de Setembro e como vos correu tudo por lá; mas parece que não quereis vir a mim como amigo.

Se tivésseis vindo e ficado aqui no quartel junto connosco, não se teria dado o que se deu.

Nada conseguiremos por meio de cartas, portanto não mais me escrevais.

Não quero receber taes cartas.

Em summa, vos queixareis ainda desta guerra e estais illudido por essa corja de scelerados perjuros e perversos, que tanto tem seduzido a vós e a todos os nossos amigos e opprimido tão tyrannicamente os nossos. Adeus.

No meu acampamento, 31 de Outubro de 1645 e estava assignado :

O Regedor e Commandante do Regimento de Indios na Parahyba, *P. Poty*.

Tendo sido repellido pelos capitães-móres, Pedro Poty e Antonio Paraupaba, que poderiam, no caso de desertarem, arrastarem grande numero de seus commandados, o nosso habil e tenaz Filippe Camarão mandou um manifesto ou circular a todos os indios do arraial inimigo, excluindo aquelles dous patricios que não lhe cediam a palma em valor, intelligencia e lealdade.

Este documento, traduzido do tupi para o hollandez, acha-se igualmente na *Col. Brieven en Papieren* do anno de 1646.

Conhece-se por elle que o nosso Camarão tanto sabia lidar com a penna como com o mosquete.

Esforça-se por pintar com côres ainda mais sombrias a situação dos Hollandezes no Brasil; promete-lhes grandes vantagens como premio da deserção; ameaça-os com a guerra sem quartel (a que elles já estavam habituados) e com as penas do inferno no caso de não accederem

ao convite; e finalmente procura intrigal-os com os Hol-  
landezes.

Nada, porém, conseguio delles por esses meios sut-  
sorios; nunca houve em toda a campanha grande numero  
de abandono de partido por parte dos Indios de ambos  
os lados.

Quando a fortuna era adversa aos seus correligiona-  
rios, soffriam sem se queixar, e nunca se bandeavam.

Eis a missiva de Philippe Camarão aos indios que  
apoiavam os Hollandezes:

«Não posso deixar de cumprir as promessas e deve-  
res contrahidos com meus avós, isto é, de vos guardar  
assim como a todos os da nossa raça.

Vim, portanto, da Bahia, afim de vos zelar e garan-  
tir, e ainda que tenhais procedido mal, tirar-vos das  
garras do inimigo, desejando afastar-vos d'elle, pois o  
paiz nos pertence, e se vos conservardes ao seu lado,  
tereis por fim de ser atacados e aniquilados.

Por esse motivo, meus amigos, ainda não quiz des-  
envolver toda a minha força contra os Hollandezes, para  
vos poupar; e como a natureza obriga todos os animaes  
a amarem os seus filhos e morrerem por elles, assim eu  
igualmente mostrarei e provarei o meu amor paterno por  
vós, empregando todos os esforços afim de converter a  
vós meus verdadeiros patricios.

Vim da Bahia nutrindo a esperança de obter dos da  
minha raça boa consolação e auxilio, e certo de que  
se uniriam commigo; entretanto não recebi até agora  
resposta alguma, afim de poder guardar e garantir o seu  
bem-estar.

Qualquer de vossa nação que se quizer passar para  
mim deve trazer uma bandeira branca, tendo-me eu diri-  
gido com a esperança de vossa vinda para a Parahyba,  
afim de lá vos aguardar.

Soubemos recentemente de fonte limpa e podeis con-  
fiar na noticia, que os da Hollanda propuzerem, pelos seus  
embaixadores ao nosso rei e senhor, D. João IV, restituir  
esta terra, visto não mais a poderem sustentar.

Tereis de entregar os poucos fortes, visto que os Hollandezes hão de os abandonar e partir nos navios para a sua patria; e quanto ao esperardes uma esquadra com soccorros, ficai avisados que ella só virá para buscar os Hollandezes e vos deixar como presos nas garras dos Portuguezes.

Onde vos mettereis então, ou vos occultareis de nós?

O mal que os Hollandezes merecem recahirá sobre vós.

Comquanto não saibais e penseis que os Portuguezes nos enganam, a verdade é que os Hollandezes é que vos enganam.

Se não estais cegos, aceitai o meu perdão, emquanto é tempo e não acrediteis nos Hollandezes que ainda poderão ficar sendo vassallos do nosso poderoso rei, pois bem sabeis que elles mesmos estão incertos sobre o resultado da guerra.

Deveis estar bem lembrados que nos velhos tempos, muitos da nossa excellente raça, deixando-se seduzir pelos estrangeiros, depois perderam a vida.

Não acrediteis nesses herejes e vinde a tempo para vos salvar, recebendo cada um o passaporte que lhe daremos; se não o fizerdes, ficareis abandonados e não vos concederemos quartel, nem perdão, mas vos destruiremos como inimigos.

Fugi dos herejes e vinde tratar da vossa salvação. Como pudestes contar com os Hollandezes, depois delles procederem tão mal com os da vossa nação no Maranhão, pois tendo lhes feito bellas promessas, justamente como agora, os enganaram e abandonaram, quando os portuguezes retomaram o paiz.

Não acrediteis tão pouco nos capitães Antonio Paraupaba e Pedro Poty, que, havendo estado na Hollanda, ficaram imbuidos das suas idéas e não pensam noutra coisa mais que em os ajudar a vos perder.

Sinto-me atribulado, não pensando em outra coisa senão em procurar um meio para vos collocar sob a minha protecção.

Não quero reconhecer a Antonio Paraupaba nem

Pedro Poty, que se tornaram herejes, mas esforço-me por procurar a salvação de vós todos e apesar de nos haverdes feito muito mal, comtudo como sois muito novos e não sabeis o que fazeis, indo contra os Portuguezes, por quem fostes criados e a quem deveis obediencia, pela graça de Deus vos concederei quartel e perdão.

Sabeis perfeitamente bem como os Portuguezes são ricos em todas as praças até o Rio de Janeiro, S. Paulo, Maranhão, etc., onde elles têm inestimavel riqueza para vos poder fazer bem, sendo preciso apenas para isso que vos passeis para nós.

Os Hollandezes, pelo contrario, são pobres, como sempre os deveis ter visto e achado, até hoje.

Só me resta agora declarar-vos que nos passados successos da guerra não pude salvar pessoa alguma, sendo isso o resultado da mesma, causando-me muito pezar o ver tantos dos vossos succumbir em diversos logares.

Se eu estivesse lá só com a minha gente, não terieis a lamentar aquelles successos de que devem ser imputados os Portuguezes, que ficaram furiosos por vos encontrar ao lado dos Hollandezes, apesar de lhes haver antes jurado amizade.

Tratai de vos livrar o mais depressa possivel dos Hollandezes, pois vos farão passar más horas e metter no cepo; e se os quizerdes abandonar, não vos dirijais aos Portuguezes, mas vinde sem receio a mim, trazendo uma bandeira branca e tratarei a todos com amizade.

E pensai na vossa salvação, porquanto, como verdadeiros christãos que sois, tendes não sómente de cuidar da vida mas tambem da alma, e deveis saber que eu, vós e todos que estão comvosco somos subditos de Sua M. Catholica o Rei de Portugal.

Deus vos inspire e faça reconhecer os erros para conseguirdes a salvação.

Em 28 de Março de 1646.

Estava assignado

O pai dedicado de vós todos, o Capitão-Mór Camarão».

DR. PEDRO SOUTO MAIOR.